

O LUTO SIMBÓLICO NAS RELAÇÕES DE AMOR LÍQUIDO

Carlos Vitor Albuquerque Esmeraldo Beserra¹

Carlos Eduardo Soares Reis²

Felipe Sávio Cardoso Teles Monteiro³

RESUMO: O artigo tem como objetivo conduzir uma pesquisa bibliográfica narrativa sobre os lutos simbólicos e suas incidências nas relações amorosas da contemporaneidade, mais especificamente dentro de uma perspectiva do amor líquido de Bauman. Para tanto, se traça uma análise sobre o luto simbólico, o apego seguro e inseguro e o amor líquido mediando uma conexão entre esses fatos. Assim, os tipos de relações amorosas fugazes e instáveis, as quais se substituem rapidamente, são uma forma de luto simbólico que, não constituindo a assimilação do fenômeno da perda, podem emergir em consequências psíquicas e somáticas a posteriori. Desta maneira, baseia-se no conteúdo de nossa cultura amorosa do “ficar” constituindo assim um amor líquido, rápido e sem cobrança.

Palavras-chave: Amor líquido. Luto simbólico. Contemporaneidade. Psicologia.

SUMMARY: The article aims to conduct a narrative bibliographic research on the symbolic lutos and their incidences in the amorous relations of contemporaneity, more specifically from a perspective of the liquid love of Bauman. For that, an analysis is made of symbolic mourning, of secure and insecure attachment, and of liquid love by mediating a connection between these facts. Thus the types of fleeting and unstable love relationships which are rapidly replaced are a form of symbolic mourning which, not constituting the assimilation of the phenomenon of loss, may emerge in psychic and somatic consequences a posteriori. In this way, it is based on the content of our loving culture of "staying" constituting a liquid love, fast and without charge.

Keywords: Liquid love. Symbolic mourning. Contemporaneity. Psychology

INTRODUÇÃO

Quando estuda-se algo eminentemente sentido como é o amor, fica-se reticente em tentar teorizá-lo ou até mesmo crer que tal emoção sentida e difusa, possa ser retirada e analisada cientificamente. Acontece que desde os primórdios da mitologia e dos pensadores originários gregos, tem-se algum tipo de posicionamento a respeito do que

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: carlosvitoranimes@hotmail.com

² Especialista em Psicologia Clínica pela Universidade de Araraquara – SP. E-mail: reis_phb@hotmail.com

³ Professor Assistente. Universidade Federal do Maranhão. Campus de Pinheiro. E-mail: felipesctm@hotmail.com

seria o amor. A literatura se apegou ao tema de forma a transformá-lo em um modelo romântico, dramático, ou cômico, já o cinema retrata em aspecto semelhante, grandiosa e exuberante, mas também trágico e trôpego. Filósofos, sociólogos, psicanalistas e psicólogos também tentam ao longo dos tempos refletir sobre o tema, de forma a aprofundá-lo e averiguá-los por outro viés, como nas construções existenciais, biológicas, culturais e situacionais.

No que diz respeito a questão do luto, entende-se que esse processo de travessia de uma perda se dá em múltiplas esferas onde, a escolhida para determinar e correlacionar o presente trabalho, foram os lutos simbólicos. Essa categoria de luto, menos comuns de serem discutidos, mas tão presentes no cotidiano das relações interpessoais, objetais, corpóreas, amorosas. Então, indaga-se o porquê de se falar tão pouco sobre o tema, já que sua incidência na clínica psicológica é frequente. Nesse quesito, a epistemologia de Zygmunt Bauman (1925 – 2017), nos ajudará a discorrer e dialetizar de forma simétrica as questões do amor líquido com os lutos simbólico, exprimindo seu destaque nas sociedades contemporâneas. De forma adjunta, os lutos simbólicos serão comparados diante de situações de amor líquido, denotando seu apego de acordo com a reação de perda expressa. Aqui estudaremos essa interpretação sobre o amor, que apresenta a ideia da mudança rápida de parceiro ou parceira, sem ao menos permitir um tempo de significação e enlutamento do amor que se foi. Não obstante, as indagações que se levantarão no artigo, serão as de tentar constituir uma resposta de ligação entre esse processo da perda de um relacionamento e sua real assimilação de quando perdido, pois a não elaboração daquilo que foi consumado provoca consequências negativas psíquicas ou somáticas. Discute-se também o quanto nosso contexto cultural é conivente para essas práticas diárias de liquidez e fugacidade, onde o estabelecimento de uma vida célere, provoca ansiedade e distúrbios comuns originários de nossa época.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica narrativa que consiste em explorar obras de autores e condensá-las ao propósito da pesquisa,

reverenciando uma consonância entre uma ideia singular apresentada no bojo da proposta e sua varredura literária (ROTHER, 2007). Para Gil (2008), tal pesquisa visa conglomerar ideias e acrescê-las com a do autor, promulgando um tipo de saber baseado em uma teoria, mas propondo uma nova perspectiva interventiva para a questão tratada. Nessa linha de raciocínio, as obras escolhidas por cada autor tem de haver com o intuito da pesquisa onde procurou-se formular uma ideia preexistente na psicologia (luto simbólico) ligando-a uma teoria de cunho sociológico (amor líquido), fazendo uma correlação, para que surja um novo prisma sobre o assunto apresentado na pesquisa. Contudo, se não fosse uma leitura dialógica, como colocada por Larrosa (2003), leitura compartilhada de sentido e apreensões inovadoras, resultado de trocas entre autores de diferentes ciências, o trabalho não teria essa intenção reflexiva. Enfim, tratando-se de uma pesquisa idealmente bibliográfica, desejou-se disseminar mais saber teórico sobre a temática em questão proporcionando mote para discussões, reflexões e, talvez, implicações práticas sobre a situação social vista na contemporaneidade.

O QUE É O AMOR?

Platão (1991) em seu livro intitulada *O banquete*, escrito por volta de 385-380 a.C. discute sobre o amor na visão de várias personalidades da época, como poetas, médicos, filósofos e dramaturgos. Na obra, o autor diferencia três tipos de amor: *Philia* que seria o amor representativo da amizade, afinidade e propagação afetiva; *Eros*, como sendo o amor erótico, de atração física e desejos carnis; e *Ágape*, o amor direcionado ao afeto espiritual, reflexivo e acolhedor das questões naturais que o mundo nos coloca (PLATÃO, 1991). Nesse sentido, o amor para os gregos era abrangente e desvelava vários setores da existência, tendo características próprias, mas sempre valorizando a relação, seja ela consigo ou com os outros. Freud (1856 – 1939), que inspirou bastante as ideias de Bauman, compunha em sua teoria que o amor era uma energia libidinal que estava atrelada a pulsão de vida, ou seja, de intenção desejosa em expandir-se como ser humano, repleto de pretensões corpóreas e terminações nervosas que nos dava prazer ao serem estimuladas.

Tal via, estaria sempre em busca de descarregar essa tensão amorosa em algum objeto, relaxando e distendendo sua falta, em algo disponível para tal descarga vibrátil. Ainda podendo se conceber em um fenômeno amoroso de transferência e de amor a verdade, logo ao inconsciente, como força formadora de capacidades localizadas nas relações (RAVANELLO E MARTINEZ, 2013). Na camada histórica, algumas ideias da psicologia social, discutem a noção de amor e desejo como ensejo a uma mesma finalidade, argumentando debates a respeito de um amor que é desejado, portanto pode ser adquirido, como uma fome que deve ser saciada (JESUS, 2011). Ao separar as concepções de amor e desejo, se puderam ter variadas formas de depreender a noção de amor, como o amor a um amigo, o amor a um objeto e o amor a uma atividade de cunho prazeroso, semelhante as ideias gregas.

Portanto, para a psicologia social, Jesus (2011) comenta que esses afetos interpessoais partem da premissa de que somos seres ávidos da afirmação do outro, de seu carinho, respeito, admiração e desejo, garantindo em meio a esse olhar premente, maneiras de nos recriarmos e melhorarmos, descobrindo novos gostos, influenciando pessoas e constituindo fortes laços. Bauman (2004) vem analisar a sociedade líquida em diversos planos, entre eles, o plano do amor, segmento bastante conduzido na versão do apaixonar-se e desapaixonar-se muito rapidamente, isto é, um sistema onde não há mais profundidade e nem motivações para se permanecer com um único parceiro por um tempo estável e equilibrado, e sim, desapegar-se dessa condição tradicional de relacionamento, perpassando para a relação fugaz, estimulada pelo fim próximo, encaixado em uma iminência de outro relacionamento, e assim, caracterizando a celeridade do amor e de quem o conduz. Líquido, portanto, é uma nomenclatura que Bauman (2004) encontrou para representar a fluidez do processo de mudança do percurso, sua rapidez e sua constituição dissoluta, mas que também figura sua essência única, comum a todos os episódios de difusão e direção desse líquido.

Não devemos nos surpreender se essa suposição se mostrar correta. Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais

costumava servir e de onde extraia seu vigor e sua valorização (BAUMAN, 2004, p.19).

A ideia de sociedade para Bauman, condizia no fato de que ninguém aprende a amar ou morrer, você simplesmente ama e jaz, demonstrando que essa sucessiva troca de parceiros, é uma busca recorrente de aprendizado em amar e morrer, nos polos simbólicos e metafóricos. Nesse sentido, amor e morte são imprevisíveis, portanto, incertos, casuais e contingentes, necessitando das pessoas para que se encontrem e se amem de forma a se esgotarem nesse amor, à sua maneira. A facilidade de se relacionar, traz a facilidade de empregar termos, como amor e paixão, sem ao menos perceber o significado dessas palavras, banalizando-as. Porém, tal circunstância demonstra como é obtido os conceitos de determinados sentimentos no espírito de nossa época, onde a sociedade individualista, que vive instantaneamente, de forma afoita e competitiva, expõe a modernidade que também é líquida, lépida e se faz constantemente em busca de algo que não se obtém, adiando a felicidade, e padronizando-a como um modelo preestabelecido e alcançável através do olhar dos outros. Para Bauman (2001, p. 82).

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são *consumidores*, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las.

O fato é que, diante de tantos estímulos provocados pela tecnologia, pela facilidade da comunicação e pela desigualdade social, a felicidade de implicar em uma vida amorosa acaba ruindo pelo excesso de opções e escolhas a que o indivíduo é apresentado, objetificando o ser humano e o sentimento amoroso. Entrementes, o assunto tratado aqui procura balizar um momento de preenchimento vivencial da dor desse amor que se foi e, por meio do imediatismo pós moderno, é substituído por outro, sem ao menos depurar o fenômeno consciente e experiencial da dor do perder e do processo regeneração até encontrar um novo amor. De fato, o ser humano estar exposto ao sentimento da paixão constante, inclusive multidimensional, sendo possível o amar dois, três, ou mais pares,

através de identificação nas várias estâncias desde a *philia* à erótica. Assim, Bowlby (2002), criador da teoria do apego, traz modelos de comportamento costumeiros aos indivíduos adultos, ligados ao fato de como tais indivíduos foram desenvolvidos em suas relações com as figuras de referência na infância, podendo pertencer a um jeito de ser inseguro em contato interpessoal, ou seguro, na mesma esfera. Esses modelos demonstram uma noção de como certas pessoas vivenciam o fenômeno amoroso, não se permitindo adentrar em um relacionamento pelo fato de possuírem um autoconceito rígido quanto a um desamparo ou desamor.

O autor explica que tais sentimentos são originados nas relações primevas desse indivíduo, evocando também a comportamentos de dependência em seus relacionamentos, não conseguindo se autorizar a perder o seu par e adentrar nesse processo de perda, configurando aqui, o modelo de apego inseguro (BOWLBY, 2002). Dessa maneira, o apego inseguro se constrói nas trocas relacionais entre criança e mundo (genitores, entes de referência), destinando em meio a uma criação repleta de falta de limites, ou de pouquíssimo afeto e insuficiência de um amor fraternal, afetuoso, que preenche a criança de segurança e capacidade de se perceber amada e bem quista, harmonizando o convívio a posteriori com suas relações mundanas (BOWLBY, 2002).

Assim, quando um clínico encontra um indivíduo que está respondendo à separação ou perda com combinações variadas de protesto, raiva, ansiedade ou desespero, ele provavelmente reconhece o comportamento como constituído das respostas naturais, embora talvez inconvenientes, que se esperariam de qualquer ser humano na situação do indivíduo em questão (BOWLBY, 2002, p. 466).

Contudo, em um relacionamento pelo qual um dos pares não aceita o fim da relação e se vê predisposto a uma derrocada psíquica, tem-se a figura do clínico (psicólogo) como o mediador desse conflito de não assimilação, partindo para a facilitação de um processo de aceitação e interação com esse luto simbólico até então não iniciado eficazmente. Bauman (2001), ainda nos expõe mais uma metáfora acerca desse apego inseguro reproduzido na maneira de experienciar o luto simbólico, quando se refere que os seres do amor contemporâneo são como mecânicos de automóveis, porém diferente dos mecânicos antigos, pois não são treinados para consertarem motores quebrados e sim retirar as peças

e substituí-las prontamente por outras, sem valorar a responsabilidade que essa peça velha tem sobre o carro, acabando por surgir mais à frente uma consequência por essa tal displicência.

Tal exemplo faz reluzir a maneira como os sujeitos se relacionam na contemporaneidade tecnológica, mudando de parceiro em detrimento de faltas que o anterior apresentou, excluindo-o de sua rede de contatos e aderindo a um novo, com novas apresentações e roupagem que agradam e suavizam a dor, mas que possivelmente irão apresentar “defeitos” substituíveis. No outro polo, o apego seguro, retrata a boa convivência e criação infantil, onde foi-se demonstrado a criança que nem tudo pode ser conseguido de forma imediata, mas conquistada paulatinamente, entendendo que existem delimitações para os desejos e realizações exógenas. Aqui, a criança desenvolve-se repleta de significado de autoafirmação e flexibilização, sendo maleável a perdas, já que fará parte da existência a incapacidade de vitória constante, de amor frequente, e de atenção externa perene, migrando de um protagonismo nocivo, para uma condição de sujeito constituído de habilidade sociais e eminentemente humanas, portanto compreensivas diante as falhas.

A experiência de uma criança pequena de uma mãe estimulante, que dá apoio e é cooperativa, e um pouco mais tarde o pai, dá-lhe um senso de dignidade, uma crença na utilidade dos outros, e um modelo favorável para formar futuros relacionamentos. Além disso, permitindo-lhe explorar seu ambiente com confiança e lidar com ele eficazmente, essa experiência também promove seu senso de competência (BOWLBY, 2002, p. 469).

Competência essa, exercida na vida adulta, em seus relacionamentos com começo, meio e fim (se for o caso). Apresentando uma forma saudável de captação desse fim, passando pela dor da perda de forma afirmativa e autenticamente viável com a situação que o enlutado se encontrará. Construindo ao longo das experiências, uma forma estruturada de personalidade resiliente e adaptativa em meio aos incômodos adversos comuns da existência em relação.

O LUTO SIMBÓLICO NÃO VIVENCIADO NO AMOR LÍQUIDO

O luto simbólico difere em um único aspecto do luto concreto, a saber, pelo fato de que nesse há uma perda real, uma morte concreta de algo ou alguém de meu convívio, sendo capaz de gerar esse pesar. Já aquele diz respeito a um luto de significância de algo, isto é, um luto acerca de um fenômeno que não tem uma vida em si, mas que possui uma validade. Pode-se citar como exemplos uma relação amorosa ou de amizade que acaba, um momento da vida que passou e traz imensa saudade ou até mesmo as mutações corpóreas naturais do desenvolvimento humano. Enfim, tal semântica se faz extremamente minuciosa, já que se trata de um luto metafórico, abstrato, porém repleto de sentido a ser tratado e atravessado.

Segundo D'assumpção (2011, p. 104): “É talvez o maior problema pra o ser humano, especialmente na civilização ocidental (...) Apego, como já foi visto, é o sentimento de posse, de ser “dono de”. O apego na hodierna sociedade ocidental, reflete os tipos de relacionamento mediante a era do amor líquido. Conquanto, comumente podemos perceber que exemplos como os crimes passionais, são resultado de um misto de apego inseguro e posse para com o outro, produtos de uma incapacidade de lidar com a perda afetiva que gera luto, este não simbolizado, não averiguado, não sofrido, descerrando em um adoecimento psíquico, no caso do exemplo aqui citado, uma catástrofe, em tempos de amor líquido.

Os problemas não terminam quando os casais passam a viver juntos. Os quartos compartilhados podem ser um local de alegria e diversão, mas raramente de segurança e sossego. Alguns deles são palcos de dramas cruéis, cheios de escaramuças verbais que resultam em brigas aos socos e (se o casal não se separa antes) amplas hostilidades com desfecho semelhante ao de um Cães de aluguel (BAUMAN, 2004, p.41).

Bauman refere-se aqui ao falado anteriormente, onde a divisão de insegurança e responsabilidade do casal faz brotar um amor falho, retrato de submissão e desordem que difundiu angústia e caos na convivência. Porventura o autor utiliza-se do termo “cães de aluguel”, referente ao filme de Tarantino (1992) que retrata conflitos de grupos distintos,

onde finda em morte um número considerável de pessoas que viviam em interdependência. O misterioso ponto de intersecção dos seres humanos, parece ser o encontro entre pessoas de diferentes cosmovisões, aplacando-se em amor e desistindo ou permanecendo neles. Bauman (2004) indaga a condição humana perante o amor, momento de emersão de relacionamentos descartáveis, desconfiados e temerosos para fixar algum posicionamento de ligação com a alteridade. Durante sua obra *Amor líquido*, o autor esculpe uma análise pormenorizada dos eventos ocidentalmente comuns relativos a vida de envolvimento amorável. Aponta a necessidade de discussão sobre o tema, designando aos profissionais da terapia (psicólogos, psicanalistas), o encargo de receber clientes em situação de crise amorosa.

Não admira que os “relacionamentos” estejam entre os principais motores do atual “boom do aconselhamento”. A complexidade é densa, persistente e difícil demais para ser desfeita ou destrinchada sem auxílio. (...) Os especialistas estão prontos a condescender, confiantes em que a procura por suas recomendações será infinita, uma vez que nada que digam poderá tornar um círculo não-circular (...) (BAUMAN, 2004, p. 9).

Parece que o pesar oriundo do apaixonar-se e desapaixonar-se é um “círculo” que involuntariamente se cria e faz arrodar-se até que perceba seu fim, podendo seguir para um outro círculo (relacionamento). O terapeuta facilitará o processo dessas dores, primando pela escuta e principalmente não atrapalhando o desenrolar da expressão do cliente que necessitará de atenção e pontuação ativa para que elabore a perda simbólica e se adapte a situação, até que tal amor perdido, volte como ponderação amorosa a si próprio.

Esse percurso na visão aqui exposta equivale ao processo do luto concreto, onde se terá uma cicatrização simultânea ao perpassar das fases que o luto apresenta, como sentimentos de tristeza, raiva, culpa, demonstrações de desamparo, dúvidas, e principalmente saudade. Também quando lançado a proposta de dizer “sim” ao decurso circunstancial da aflição pesarosa suscetíveis mudanças poderão ocorrer, como não mais autocensurar-se em meio a pessoas e situações de relação interpessoal, criar a noção de liberdade para a reconstrução de si e chegar a um alívio da dor de ter perdido seu amante, reconsiderando-a como uma boa memória biográfica (WORDEN, 2013).

O fato é que as pessoas são seres de relação, ligados intersubjetivamente, e com frequência estarão lançados nesses lutos simbólicos que, independente da tentativa de controlar as emoções e instintos apresentados quando a paixão acontece ou mesmo escolhendo não se envolver e desapaixionar-se, já se está perdendo algo. O que se gera a partir daí é de cunho individual, mas passa pelo viés de alguma hipótese referente a “preencher um vazio, com outro vazio”, nos remetendo ao apetrecho líquido de vida atual, debilitada, desamorosa e cada vez menos preocupada com a outridade. Assim salienta Bauman (2001, p. 163) que “O advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu utilidade e sentido”. Tais apontamentos demonstram como se faz adjacente essas teorias e como suas incidências são recorrentes no cotidiano, descerrando a necessidade de se argui-las no intento de aprimorá-las e desenvolvê-las para uma maior disseminação nos campos que se responsabilizam por estudar o homem e sua condição existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto pelo trabalho foi trazer uma associação entre fenômenos teóricos de diferentes áreas, incitando o diálogo para possíveis novas descobertas e aperfeiçoamentos. Sabe-se que o amor é um tema inesgotável, ainda mais pelo fato de ser idiossincrático, e também por acompanhar as mudanças culturais e sociais que as épocas trazem. A morte, tem sua identidade voltada para o fim, e o luto a sua consequência e disposição para enfrenta-la. No trabalho, propomos essa ideia de luto simbólico, como a morte “viva”, aquela que ainda imperceptivelmente atormenta, pois faz parte de um relacionamento que se acabou, mas não por completo, ainda incomodando e trazendo sensações de proximidade.

Percebeu-se que esses fatores colocados na pesquisa são interessantes e ainda bem pouco relatados no meio científico e filosófico, podendo aqui instalar a provocação para novas pesquisas e teorizações sobre. Todavia, buscou-se instigar curiosidades e dúvidas a respeito, procurando ansiar por essa linha de pensamento e desbravá-la, trazendo mais

informações sobre o presente estudo que se demonstrou importante e peculiar tanto para a clínica psicoterapêutica quanto para o entendimento conceitual sobre as relações pós-modernas. Para tanto, não se buscou totalizar o produzido, tampouco absolutizar em certo e errado, mas acrescentar como uma possibilidade de adjunção ao meio acadêmico, deixando questões como: É possível se relacionar estavelmente em tempos de amores líquidos? Os lutos simbólicos não vivenciados, são peças chave para desencontros amorosos e origens nocivas de relacionamentos malfadados? Estes dentre outros questionamentos que possam vir a surgir com os leitores da pesquisa, se fazem mister para a aplicação do trabalho em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Amor líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOWLBY, J. Apego. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Cães de aluguel. Direção: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. EUA, 1992.
1h 39 min, son., colorido., 35mm.

D'ASSUMPCÃO, A. E. Sobre o viver e o morrer. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, G de J. Atração e repulsa interpessoal. In: TORRES, C. V. NEIVA, E. R. (Org.)
Psicologia Social: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 239 – 249.

LARROSA, J. La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación. México:
FCE, 2003.

PLATÃO. Diálogos: O Banquete – Fédon – Sofista – Político (Coleção os Pensadores). 5ª
ed. São Paulo: Nova Cultural. 1991

RAVANELLO, T. MARTINEZ, M. de. C. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor
na teoria freudiana. Cad. Psicanál, v. 35, n. 29, p. 159 – 183, 2013.

ROTHER. E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. Acta Paul Enferm, v. 20, n. 2,
2007.

WORDEN, J. W. Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013.